

A teologia de Martin Lutero num contexto global*

Hans-Martin Barth

Resumo: A palestra de Hans-Martin Barth pretende colocar a teologia de Martin Lutero no contexto global da história do pensamento humano e das grandes religiões. Para tanto, vê a necessidade de deixar definitivamente de lado a discussão sobre questões impostas pela tradição, “desprovincializar” a teologia do reformador e buscar os elementos da mesma que sejam capazes de conectar-se globalmente e contribuir para a compreensão do ser humano e de Deus, tornando-se, assim, de proveito para a sociedade moderna.

Resumen: La palestra de Hans-Martin Barth pretende situar a la teología de Martín Lutero en el contexto global de la historia del pensamiento humano y de las grandes religiones. Para ello, ve la necesidad de dejar definitivamente de lado la discusión sobre cuestiones impuestas por la tradición, “desprovincializar” la teología del reformador y buscar los elementos de la misma que sean capaces de conectarse globalmente y contribuir para la comprensión del ser humano y de Dios, tronándose, así, de provecho para la sociedad moderna.

Abstract: Hans-Martin Barth’s lecture intends to place Martin Luther’s theology within the global context of the history of human thought and great religions. To do this it sees the need to definitively place aside the discussion of issues imposed by tradition, to “deprovincialize” the theology of the reformer and to seek the elements in it that are capable of being connected globally and of contributing to the comprehension of the human-being and of God, thus becoming useful for modern society.

* Tradução de Nelson Kilpp.

Num artigo intitulado *Da liberdade de um cristão*, publicado em 1983, o quingentésimo ano do nascimento de Lutero, Gottfried Maron afirma o seguinte: Lutero “foi um personagem da história da humanidade e, como tal, o seu tempo ainda está à sua frente”. Maron entende que o reformador “teve e ainda deve ter um papel importante, até decisivo, na história da liberdade humana”¹. Como se pode comprovar essa afirmação? Que Lutero tem a dizer, hoje, a um intelectual afastado da igreja ou a um imigrante muçulmano na Alemanha, a uma feminista dos Estados Unidos da América ou a um adepto do zen-budismo no Japão? O que se encontra no mercado livreiro atual a respeito da teologia de Lutero não consegue comprovar essa afirmação. Um título como *No futuro com Lutero*² só pode ser considerado embaraçoso. Certamente desejo que a coletânea de textos editada por Athina Lexutt, *Com Lutero através do ano*³, tenha muitos leitores e muitas leitoras. Obviamente um *Manual sobre Lutero*⁴ oferece informações importantes para a compreensão e contextualização do reformador. Os autores e editores do anuário *Lutherjahrbuch* e do periódico *Luther* realizam um bom trabalho. Mas, sobre a teologia de Lutero apresentada por Oswald Bayer⁵ – e não só dela –, deve-se admitir: “Aqui se apresentam opiniões que insistem na autoridade do reformador, mas que escapam à verificação por parte da atual experiência de sociedades diferenciadas, não correspondendo, assim, à reivindicação de ser uma teologia atual”⁶. Essa reivindicação tampouco pode ser satisfeita quando se destaca uma “idéia religiosa mestra”⁷ do reformador ou quando se reconstrói sua teologia com o auxílio de uma linguagem que cause estranhamento⁸. Bem antes de se falar em globalização, historiadores da história profana já falavam da “importância de Lutero

1 MARON, G. Von der Freiheit eines Christenmenschen: Die bleibende Bedeutung Martin Luthers. In: MÜLLER, G.; SEEBASS, G. (Ed.). **Die ganze Christenheit auf Erden**: Martin Luther und seine ökumenische Bedeutung. (Homenagem aos 65 anos do autor.) Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993. p. 43-57. As citações encontram-se às p. 55 e 56.

2 KNUTH, H. Chr. **In Zukunft Luther**: Gesammelte Texte des Leitenden Bischofs der VELKD. (Homenagem aos 65 anos do autor.) Editado e introduzido por R. Neubert-Stegemann e Claudia Aue. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2005.

3 LEXUTT, Athina (Ed.). **Mit Luther durch das Jahr**: Texte des grossen Reformators für unsere Zeit. Seleção, introdução e comentários de A. Lexutt. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2003.

4 BEUTEL, A. (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005.

5 BAYER, O. **Martin Luthers Theologie**: Eine Vergegenwärtigung. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.

6 KORSCH, D. Martin Luthers Theologie. **Luther 77**, p. 117s, 2006. Recensão de O. Bayer. A citação encontra-se à p. 118.

7 KORSCH, D. II. 2. Die religiöse Leitidee. In: BEUTEL, A. (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. p. 91-97.

8 Cf. KORSCH, D. **Martin Luther zur Einführung**. Hamburg: Junius, 1997.

para a história universal”⁹ ou até da “eficácia universal” da Reforma¹⁰. Agora que vemos com maior nitidez o que vem a ser “mundo” e “humanidade”, não mais se percebem estas vozes. Qual é a causa disso? Ou temos que aceitar simplesmente que Lutero está limitado ao cristianismo ou, até mesmo, ao protestantismo? A questão, no entanto, é mais abrangente do que “a capacidade de o protestantismo luterano ser moderno”¹¹. Se o Evangelho é válido para todas as pessoas e se a Reforma de Lutero decididamente tem algo a ver com esse Evangelho, a teologia de Lutero deve ser explorada quanto a uma possível eficácia global. Para tanto, são necessárias quatro tarefas: 1) a teologia de Lutero deve ser libertada dos trilhos das questões tradicionais e levada para o campo aberto da discussão religiosa e social atual; 2) ela deve ser exposta com uma postura crítica diante de seus evidentes erros de conexão; 3) ela deve ser des-provincializada; e 4) ela deve receber uma formulação capaz de conectar-se globalmente. Os dois últimos aspectos são os mais importantes.

1 - Primeira tarefa: a relativização de questões impostas pela tradição

1.1 - Idade Média ou Idade Moderna?

Durante muito tempo, a pesquisa em torno de Lutero se ocupou com a questão, colocada em especial por Ernst Troeltsch: Lutero se enquadra na Idade Moderna ou ainda na Idade Média?¹² Gerhard Ebeling observa que provavelmente “não há caso análogo em que o problema do enquadramento na história das idéias se imponha com tal veemência.”¹³ Esta, no entanto, é uma questão eurocêntrica ultrapassada.¹⁴ Também as exposições e inves-

9 HEIMPEL, H. *Luthers weltgeschichtliche Bedeutung*. In: _____. **Der Mensch in seiner Gegenwart: Acht historische Essays**. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1957. p. 136-161.

10 RITTER, G. **Die Weltwirkung der Reformation**. 2. ed. München: Oldenbourg, 1959.

11 Cf. KAUFMANN, Th. *Luther zwischen den Wissenschaftskulturen: Ernst Troeltschs Lutherdeutung in der englischsprachigen Welt und in Deutschland*. In: MEDICK, H.; SCHMIDT, P. (Ed.). **Luther zwischen den Kulturen**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004. p. 455-481; citação à p. 455.

12 Cf. TROELTSCH, E. **Kritische Gesamtausgabe**. Berlin: de Gruyter, 2001. v. 4.

13 EBELING, G. *Der kontroverse Grund der Freiheit: Zum Gegensatz von Luther-Enthusiasmus und Luther-Fremdheit in der Neuzeit*. In: MOELLER, B. (Ed.). **Luther in der Neuzeit: Wissenschaftliches Symposium des Vereins für Reformationsgeschichte**. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 1983. p. 9-33, citação à p. 10.

14 Também eu me ocupei com a questão, por vezes, cf. BARTH, Hans-Martin. *Martin Lutero all'origine della società moderna*. **Protestantesimo**, n. 52, p. 21-31, 1997.

tigações sobre a história da recepção de Lutero na Europa utilizam uma perspectiva muito estreita. O já mencionado “Manual sobre Lutero” apresenta a recepção de Lutero, nos séculos XIX e XX, apenas no âmbito da literatura alemã.¹⁵

1.2 - Imunidade ecumênica?

Uma segunda questão que se tornou prejudicial à globalização da teologia de Lutero é a sua imunidade ecumênica. É verdade que, para compreender o pano de fundo biográfico e muitas afirmações teológicas do reformador, é necessário ter uma boa dose de informação sobre a teologia da Idade Média tardia. Justamente Gerhard Ebeling se ocupou exemplarmente com essa questão. E, por vezes, entendia que, dessa forma, já teria desvendado a relevância atual do que descobriria. Mas este não era o caso! Lamentavelmente, na maioria das vezes, a investigação não passava de mero relato.¹⁶ Certamente, na atual situação, uma “exploração ecumênica”¹⁷ de Lutero é necessária. Presumivelmente a obra de Otto Hermann Pesch, “Conduzindo a Lutero”¹⁸, conseguiu proporcionar a muitos católicos um acesso a Lutero. Na moderna ótica católica, Lutero chegou a tornar-se algo parecido com um Pai da Igreja.¹⁹ O próprio Lutero, no entanto, não se entendia como um Pai da Igreja, mas como um profeta! Em todo caso, não é assim que o reformador só teria algo a dizer se fosse uma espécie de santo ou o antípoda da tradição católica! Isso deve ser considerado também quando se trata de Lutero do ponto de vista interconfessional. Neste caso, a Reforma não teria sido um evento de alcance universal, mas um episódio da história da Igreja ocidental que pode ser, cada vez mais, negligenciado.

2 - Segunda tarefa: reelaboração de graves erros

2.1 - Lutero e os judeus

Após a Segunda Grande Guerra, Lutero foi acusado por seus terríveis escritos contra os judeus. Ele não teria fornecido a base ideológica

15 BEUTEL, 2005, p. 477-488.

16 EBELING, G. *Luthers Seelsorge – an seinen Briefen dargestellt*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1997.

17 MANN, P. (Ed.). *Ökumenische Erschliessung Martin Luthers*: Referate und Ergebnisse einer internationalen heologenkonsultation. Paderborn: Verlag Bonifatius-Druckerei, 1983.

18 PESCH, O. H. *Hinführung zu Luther*. Mainz: Matthias Grünewald Verlag, 1982.

19 P. Mann designa Lutero de “pai na fé”; cf. MANN, P. *Martin Luther*. Basel: Herder Verlag, 1982, p. 151. Mit 96 Farbtafeln von H. N. Loose und einem Geleitwort von E. Lohse.

para o holocausto nazista? Numa estranha aliança, Karl Barth e Thomas Mann contribuíram para aprofundar essa impressão. A divisa dizia: “De Lutero a Hitler”²⁰, não só na Alemanha, mas também na Inglaterra²¹ e, em especial, nos Estados Unidos²². Na época das revoltas estudantis na República Federal da Alemanha e sob a influência de uma determinada visão marxista de Lutero, parecia que a única coisa que se sabia de Lutero era a sua – sem dúvida problemática – posição diante da guerra dos camponeses. Ela se tornou muito conhecida. Até na distante Índia – um “efeito universal”²³ – havia quem a criticasse. Jawaharlal Nehru manifesta sua abominação diante de Lutero.²³

Os ataques contra Lutero não levaram os seus seguidores a prestar esclarecimentos e a tomar distância, mas antes a defender-se e a reprimir a questão. Oswald Bayer reserva somente 15 linhas²⁴ para tratar dos escritos antijudaicos de Lutero, nos quais o reformador “incorreu em graves erros”²⁵, conforme o autor. Berhard Lohse trata desses escritos de Lutero, no final do seu livro, em um excursão, sem perguntar se estas injúrias podem ser relacionadas com as concepções teológicas centrais do reformador.²⁶ Devo confessar que, em minhas preleções sobre a teologia de Lutero, procedi de forma semelhante, apontando para o fato de que o próprio Lutero necessitava da justificação, da qual sabia falar de forma tão marcante em outros textos.²⁷ Mas isto é muito pouco. Aqui se faz necessária uma investigação teológica!

20 SIEMAN-NETTO, U. busca elaborá-la em: **Luther als Wegbereiter Hitlers?: Zur Geschichte eines Vorurteils.** Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 1993.

21 ELTON, G. R. Luther in England. In: MOELLER, 1983, p. 121-134.

22 KAUFMANN, Th. Luther zwischen den Wissenschaftskulturen: Ernst Troeltschs Lutherdeutung in der englischsprachigen Welt und in Deutschland. In: MEDICK; SCHMIDT, 2004, p. 475-479; é bastante verossímil, de acordo com Kaufmann, que a avaliação de Lutero nos Estados Unidos dependa da recepção de Troeltsch.

23 Nehru. The Glimpses of World History apud WAACK, O. Luther in Asien und Afrika. In: BECKER, J. (Ed.). **Luthers bleibende Bedeutung.** Husum: Husum Druck- und Verlagsgesellschaft, 1983. p. (142-154) 142.

24 BAYER, 2003, p. 4, 303. Uma consciência maior sobre o assunto é demonstrada por BEUTEL, A. **Martin Luther: Eine Einführung in Leben, Werk und Wirkung.** 2. ed. Leipzig: Evang. Verlagsanstalt, 2006. p. 166-169. Na citação não abonada à p. 171, no entanto, o autor omitiu a manifestação antijudaica imediatamente precedente (WA.BR 11, p. 275, linhas 4ss).

25 BAYER, 2003, p. 4.

26 LOHSE, B. **Luthers Theologie in ihrer historischen Entwicklung und in ihrem systematischen Zusammenhang.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995. p. 357-367.

27 BEUTEL, 2006, p. 164.

2.2 - Camponeses, turcos e demônios

O problema da guerra dos camponeses foi tratado predominantemente no contexto da doutrina dos dois regimentos, antes de forma apologética do que autocrítica. No quarto Congresso sobre Lutero, em 1971, Jaroslav Pelikan observou cautelosamente que, no Novo Mundo, Lutero teria podido aprender bastante com as tentativas de estabelecer formas alternativas de governo.²⁸ A posição de Lutero diante dos turcos e do islã está recebendo destaque somente nos últimos tempos. Também a esse respeito devem ser feitos questionamentos críticos.²⁹ Sobre a “superstição” de Lutero, deve-se dizer que ela foi quase totalmente reprimida, apesar da insistente lembrança de Ernst Troeltsch e outros. Em todo caso, Lutero se pronunciou nitidamente a favor da execução de bruxas. O estudo de Jörg Haustein sobre “a posição de Martin Lutero diante da feitiçaria e da bruxaria”³⁰ quase não é citado. O labor com a teologia de Lutero, no entanto, se expõe a riscos se não se distanciar claramente dessas conexões falhas e desses erros no pensamento do reformador.

3 - Terceira tarefa: desprovincialização

3.1 - Lutero na província luterana

Lutero para luteranos? Óbvio! Mas os luteranos somam apenas 70 milhões de membros – (contra a vontade de Lutero, que, como se sabe, não queria que existissem luteranos) – enquanto a humanidade toda tem atualmente mais de 6,5 bilhões de habitantes. Ainda assim, os luteranos possuem evidentemente uma relação especial com Lutero; eles têm uma responsabilidade especial pelo seu legado. Algo análogo ocorre com as igrejas reformadas no que diz respeito a Zwingli e Calvino ou com os valdenses no que concerne Pedro Valdo, etc. Também o estudo das confissões tem aqui uma

28 PELIKAN, J. Luther Comes to the New World. In: OBERMAN, H. A. (Ed.). **Luther and the Dawn of the Modern Aera**: Papers for the Fourth International Congress of Luther Research. Leiden: Brill, 1974. p. 1-10, em especial, p. 9s.

29 Cf. BOBZIN, H. “Aber Itzt... hab’ ich den Alcoran gesehen Lateinisch...”: Gedanken Martin Luthers zum Islam. In: MEDICK; SCHMIDT, 2004, p. 206-276; BOBZIN, H. **Der Koran im Zeitalter der Reformation**: Studien zur Frühgeschichte der Arabistik und Islamkunde in Europa. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1995; além disso, o trabalho de livre-docência de Reinhard Ehmann, que se encontra no prelo.

30 HAUSTEIN, J. **Martin Luthers Stellung zum Zauber- und Hexenwesen**. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1990.

importante tarefa. A orientação comum no reformador cria comunhão. Um colega luterano do Japão disse-me, poucas horas depois de nos conhecermos: “Os luteranos se reconhecem pelo cheiro de estábulo, a relação entre lei e Evangelho [...]”. Os luteranos alemães são desafiados a assumir uma responsabilidade especial pelo estudo da teologia de Lutero, já que são acusados de a teologia de Lutero ter fracassado justamente na Alemanha. Já por seu idioma, os alemães estão indelevelmente relacionados com a tradução da Bíblia feita por Lutero (mas também com as ordens dos guardas dos campos de concentração). O “teutonismo” não é bem-vindo em todos os lugares. Na Itália, fui advertido para não trazer o “Evangelho teuto”. Hartmut Lehmann observa que, “no Novo Mundo, o monumento de Lutero” está assentado sobre “um chão instável”³¹. De fato, Lutero conseguiu ser, em grande parte, desgermanizado. Hoje em dia, “a ausência, nas discussões modernas, do espectro do ‘Lutero alemão’, sepultado às escondidas”³², já pode representar novamente um problema.

3.2 - Comunicabilidade intraprotestante

É claro que a comunicabilidade da teologia do reformador não sofre apenas com as barreiras lingüísticas, mas também com as barreiras mentais. Não é mero acaso que a ecumene cristã não conheça Lutero além de “Castelo forte é nosso Deus [...]”. Também se pode perguntar se a Declaração Conjunta sobre a Justificação, assinada com tanta pompa ecumênica, mas sem grandes conseqüências práticas, não reduziu Lutero a um personagem da história eclesiástica do século XVI. É necessário desprovincializar a teologia de Lutero e, assim, também desconfeccionalizá-la se quisermos trazer à tona a sua importância para a história da humanidade. A sua possível relevância para o “Terceiro Mundo” ainda não foi investigada. De acordo com Gerhard Ebeling, depois de Paulo foi apenas Lutero que “fez da liberdade o tema teológico central”; e, nesse aspecto, Lutero “se encontra praticamente sozinho até hoje”. Em uma nota de rodapé de duas linhas, afirma: “Não é necessário esclarecer que isso também se pode dizer da teologia da libertação”.³³ De alguma forma, essa perspectiva interna do lu-

31 LEHMANN, H. Die Entdeckung Luthers im Amerika des frühen 19. Jahrhunderts. In: MOELLER, 1983, p. 151-159 (a citação encontra-se à p. 159). Cf., ainda, MOELLER, B. Luthers welthistorische Wirkung gezeigt am Beispiel der USA und Australiens im 19. und frühen 20. Jahrhundert. In: MOELLER, B. *Alte und Neue Welt in wechselseitiger Sicht: Studien zu den transatlantischen Beziehungen im 19. und 20. Jahrhundert*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995. p. 37-53.

32 Cf. KAUFMANN, 2004, p. 480.

33 EBELING, 1983, p. 30, com nota de rodapé 77.

teranismo alemão foi rompida, por exemplo, pelo fato de a Assembléia da Federação Luterana Mundial, em Budapest (1984), ter suspenso duas igrejas luteranas alemãs da África do Sul devido à sua posição frente ao *apartheid*.³⁴ Mas exemplos desse tipo são raros; eles carecem, sobretudo, de elaboração teológica. Por outro lado, existe uma impressionante bibliografia sobre Lutero no Japão, entre 1986 e 2000.³⁵ Também no Brasil encontramos uma ampla bibliografia sobre Lutero elaborada por Joachim Fischer. Sem dúvida, também Kazoh Kitamori recebeu fortes impulsos de Lutero (em japonês: Marutin Rutã) em seu esboço de uma “Teologia da dor de Deus”. Pilgrim W. K. Lo, teólogo sistemático do Seminário Teológico Luterano de Hong Kong, supõe que as doutrinas de Lutero sobre cruz e ressurreição, os dois regimentos ou as suas idéias sobre o sacerdócio universal dos crentes podem ser importantes na China, onde não existem denominações, portanto, tampouco uma igreja luterana ao lado de outras.³⁶ Também o simpósio sobre “Lutero entre as culturas”, realizado em 2003 na cidade de Erfurt, deve ter desencadeado alguns impulsos para a desprovincialização de Lutero.³⁷

4 - Quarta tarefa: contextualização

Se quisermos que a teologia de Lutero se torne capaz de conectar-se com o contexto global, devemos explorar quatro direções. Não é suficiente meramente constatar, na esteira do neoprottestantismo, a distância existente entre o pensamento atual e Lutero, para, então, por assim dizer, dar as despedidas a este. Pelo contrário, devemos colocá-lo em relação com fenômenos da história da religião comparáveis à Reforma e em relação com a história e presença das religiões da atualidade e com os seus representantes mais destacados.

4.1- O fenômeno Lutero

A fenomenologia da religião clássica comparou Lutero a Akenaton – com alguma insegurança, é verdade, já que os limites entre um reformador

34 Em 1991, foi revogada a suspensão.

35 Luther Jahrbuch 69 (2002), p. 119-130. Cf. BARTH, H.-M. Reformationsfest in Kyoto/Japan. **Luther Jahrbuch** 70, p. 149-174, (2003).

36 Sob o título “Die Bedeutung von Luthers Theologie für das 21. Jahrhundert”. **Luther Jahrbuch** 71, p. 61-64, (2004). O título pode levar a uma falsa compreensão.

37 MEDICK; SCHMIDT, 2004.

e um fundador são imprecisos.³⁸ Friedrich Heiler pensa no movimento de reforma hinduísta denominado Brahma Samaj, que recebeu impulsos da pregação cristã.³⁹ Como “profeta”, Lutero ocupa, de acordo com alusões de Heiler, um lugar ao lado de Maomé.⁴⁰ Entre exemplos mais recentes do Islã, poder-se-ia citar Hasan al-Banna, o fundador da irmandade muçulmana egípcia. No âmbito budista, poder-se-ia mencionar Shinran, o pai espiritual do Yodo-Shin-budismo.⁴¹ Penso que não nos deveríamos intimidar diante destas comparações, que, à primeira vista, parecem ser analogias um tanto fantásticas. Elas correspondem a uma percepção orientada na globalidade e ajudam a manter Lutero presente na consciência e na discussão gerais. Esta discussão deveria diferenciar cautelosamente entre a proximidade e a distância a estes fenômenos.

4.2 - O lugar dentro da história das religiões

Para constatar se Lutero foi, de fato, importante no desenvolvimento da humanidade, devemos dar uma olhada na história da religião. Aí não se encontra praticamente nada. O artigo sobre Lutero no dicionário de religiões de Metzler foi escrito por um teólogo que julgou desnecessário pesquisar as relações do reformador com a história das religiões.⁴² Esporadicamente Lutero é mencionado quando se tratam assuntos como sacrifício e eucaristia ou, então, na exposição da história do cristianismo. Lutero é mencionado diversas vezes por Friedrich Heiler. Este o trata como alguém que faz parte, com seu sim e seu não, da história da piedade, mas não como um teólogo com o qual é necessário entrar em diálogo. Na grande sinopse das religiões de Perry Schmidt-Leukel⁴³ – muito digna de ser lida –, Lutero aparece, no universo das religiões, como um grande estorvo. Em sua história do pensamento, que pretende apresentar “as tradições intelectuais da

38 LEEUW, G. van den. **Phänomenologie der Religion**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1993. § 102. De modo similar, SCHOEPS, H.-J. **Religionen: Wesen und Geschichte**. Gütersloh: C. Bertelsmann Verlag, [s.d.]. p. 64s.

39 HEILER, Fr. **Erscheinungsformen und Wesen der Religion**. 2. ed. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1979. p. 305.

40 HEILER, 1979, p. 400ss.

41 Cf. BARTH, H.-M. Luther and Shinran – Wegbereiter von “Säkularisation”? In: BARTH, H.-M. et al. (Ed.). **Buddhismus und Christentum vor der Herausforderung der Säkularisierung**. Hamburg: EB-Verlag, 2004. p. 50-65.

42 LEPPIN, V. Luther, Martin. In: AUFFARTH, Chr. et al. (Ed.). **Lexikon Religion**. Stuttgart/Weimar: Verlag J. B. Metzler, 2005. v. 2, p. 356-358.

43 Cf. SCHMIDT-LEUKEL, P. **Gott ohne Grenzen: Eine christliche und pluralistische Theologie der Religionen**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2005. p. 102s, 251, 311, 357.

humanidade”⁴⁴, Ninian Smart nem sequer menciona Lutero. Mas também teólogos evangélicos esqueceram que Adolf von Harnack atribuiu à Reforma uma importância não somente dentro da história da Igreja, mas também dentro da “história das religiões em geral”. A Reforma representa “uma virada na história das religiões, que marcou época [...]”⁴⁵; os antigos ideais religiosos desapareceram e “deram lugar aos crentes”⁴⁶. O protestantismo é algo novo, algo além da religião e da secularidade; por isso ele também não pode definir para uma “réplica do catolicismo”⁴⁷. A Reforma deve ser continuada: “esta é uma questão de vida ou morte para o protestantismo”⁴⁸. Harnack não tem interesse na criação de uma ecumene intracristã, mas no desenvolvimento da humanidade.⁴⁹ Aqui ainda se percebem claramente padrões mentais do final do século XIX. De qualquer forma, há mais de um século, Harnack já reconheceu perspicazmente a amplitude do contexto para o qual a Reforma e a teologia de Lutero deviam prestar contas no futuro.

4.3 - Lutero no âmbito das grandes religiões

Mas isso somente será possível se a fé evangélica na tradição de Lutero articular-se no contexto das grandes religiões e também relacionar-se com algumas delas. Nesta empresa, tanto a distância quanto a proximidade devem ser cuidadosamente investigadas.⁵⁰ Apesar das lamentáveis injúrias de Lutero contra os judeus, a proximidade ao judaísmo ainda é a

44 Cf. SMART, N. **Weltgeschichte des Denkens**: Die geistigen Traditionen der Menschheit. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002. p. 302s. A afirmação feita por Smart de que a rejeição do batismo de infantes por parte dos grupos anabatistas da época da Reforma estivesse “baseada na idéia de que a pessoa adulta deve optar ou, então, reconhecer que ela é eleita” (p. 302) não depõe a favor da solidez de sua exposição.

45 HARNACK, A. von. Die Bedeutung der Reformation innerhalb der allgemeinen Religionsgeschichte. In: NOWAK, K. (Ed.). **Adolf von Harnack als Zeitgenosse**: Teil I: Der Theologe und Historiker. Berlin/New York: de Gruyter, 1996. p. 277.

46 HARNACK, 1996, p. 283.

47 Citado de acordo com MARON, G. Harnack und der römische Katholizismus. In: _____. **Zum Gespräch mit Rom**: Beiträge aus evangelischer Sicht. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988. p. 105-132; a citação se encontra à p. 124.

48 HARNACK, A. von. **Das Wesen des Christentums**. Editado e comentado por Tr. Rendtorff. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 1999. p. 258.

49 A respeito do todo, cf. BARTH, H.-M. Das Wesen des Christentums und die Ökumene der Kirchen. In: KORSCH, D.; RICHTER, C. (Ed.). **Das Wesen des Christentums**. Marburg: N. G. Elwert Verlag, 2002. p. 177-184.

50 BARTH, H.-M. **Dogmatik**: Evangelischer Glaube im Kontext der Weltreligionen. 2. ed. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2002. Não há, no entanto, nenhuma referência especial a Lutero.

mais evidente. Ela deve ser aprofundada através do estudo do Antigo Testamento, a Bíblia Hebraica. Já que, na maioria dos casos, as distâncias são mais visíveis, quero destacar, aqui, algumas possíveis relações positivas com as religiões mundiais. O islã e Lutero poderiam encontrar-se sob o lema: “Deixa Deus ser Deus” – lema este que Philip S. Watson inferiu da teologia do reformador.⁵¹ Entre o budismo e Lutero, há uma grande proximidade na compreensão de pecado, cegueira e penitência, mas também na consciência da indisponibilidade do despertamento espiritual.⁵² No hinduísmo, encontramos uma relação mística com a natureza não-humana, que chega a tanger a espiritualidade criacional de Lutero. Em ambas as religiões importam a libertação e a salvação das pessoas e do mundo que as rodeia. É claro que, no hinduísmo, os caminhos vislumbrados para alcançar o objetivo são diferentes dos caminhos do cristianismo evangélico luterano. Isso, no entanto, não deveria impedir a investigação de possíveis relações positivas. Existe, no hinduísmo, pelo menos, a noção da confiante entrega (*bhakti*)⁵³ e, no Yodo-Shin-budismo, a experiência da graça como sendo “a outra força”⁵⁴. Cada uma das grandes religiões percebe algo daquilo que se expressa nos três artigos do credo cristão: no hinduísmo, encontramos algo do primeiro e do segundo artigo, no budismo, algo do segundo e do terceiro artigo, no islã, a confissão ao Deus único. Em nenhum lugar, no entanto, há uma coincidência destes três momentos principais.⁵⁵ Em vista destas reflexões, temos que perguntar a Lutero se a sua própria teologia ecoa a totalidade da

51 WATSON, Ph. S. **Um Gottes Gottheit**: Let God be God: Eine Einführung in Luthers Theologie. Tradução e elaboração de G. Gloege. Berlin: Lutherisches Verlagshaus, 1952.

52 Cf. PANNENBERG, W. Auf der Suche nach dem wahren Selbst: Anthropologie als Ort der Begegnung zwischen christlichem und buddhistischem Denken. In: BSTEHL, A. (Ed.). **Erlösung in Christentum und Buddhismus**. Mödling: Verlag St. Gabriel, 1982. p. 128-146.

53 Sobre a relação entre *Bhagavadgita* e a fé cristã, cf. a obra esclarecedora e sólida de HUBER, Friedrich. **Die Bhagavadgita in der neueren indischen Auslegung und in der Begegnung mit dem christlichen Glauben**. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission Erlangen, 1991. F. Huber advoga em favor de “uma elaboração não polêmica das diferenças” (ibid., p. 18), mas aponta constantemente também para a proximidade.

54 TAKIZAWA, K. “Rechtfertigung” im Buddhismus und im Christentum. In: _____. **Das Heil im Heute**: Texte einer japanischen Theologie. Editado por Th. Sundermeier. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987. p. 181-196; BARTH, H.-M. Die “Andere Kraft”: Versuch eines Brückenschlags zwischen Shin-Buddhismus und Evangelischem Glauben. In: BARTH, H.-M. et al. (Ed.). **Buddhismus und Christentum**: Jodo Shinshu und Evangelische Theologie. Hamburg: EB-Verlag, 2000. p. 194-205.

55 Cf. GRESHAKE, G. **Der dreieine Gott, eine trinitarische Theologie**. 2. ed. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, 1997. p. 499-522; BARTH, H.-M. Trinität und interreligiöser Dialog. In: WELKER, M.; VOLF, M. (Ed.). **Der lebendige Gott als Trinität**. Gütersloh: Chr.Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2006. p. 283-298. Dedicados a Jürgen Moltmann pelo seu 80º aniversário.

melodia trinitária ou se ela, talvez, a reduz à linha cristológica dominante.⁵⁶ Quanto à “religião” dos agnósticos e ateístas, poder-se-iam traçar linhas com a tradição da “teologia negativa” existente na teologia de Lutero: a abscondidade de Deus desafia as pessoas.

5 - A teologia de Lutero – capaz de conectar-se globalmente

Para não poucos teólogos, em especial os infectados por Karl Barth, o pecado original da teologia consiste na tentativa de tornar a teologia cristã compatível. Isso se aplicaria obviamente também à teologia de Lutero. Lutero não é aquele eterno inconformado, cuja teimosia tanto reformados quanto católicos, hindus, budistas, muçulmanos (e judeus) têm que agüentar? Responderia que sim sob uma condição: que se tenha, de fato, compreendido o que Lutero pensava e em favor de que lutava! Ainda que não se partilhe a mesma compreensão de fé cristã que Lutero tinha, a gente deveria poder entender aonde ele queria chegar. Ainda que não compartilhem de seu propósito, devemos compreendê-lo intelectual e emocionalmente. Seu projeto deve ser capaz de conectar-se com pessoas que, em todas as ideologias religiosas e não-religiosas, pensam e sentem. Mas ele não consegue conectar-se quando, por assim dizer, arrombamos a porta e tematizamos conceitos teológicos de tão difícil solução como “o servo arbítrio”, a “predestinação” ou o discurso do “Deus que está oculto” inclusive no mal. O islã talvez tenha mais sucesso quando simplesmente profere a sua confissão. Pois, pressuposta a existência de Alá, é relativamente mais “lógico” e mais compreensível para as pessoas normais quando se declara: quem cumpre os mandamentos será recompensado; quem insistentemente se opõe a eles será castigado. A teologia de Lutero, por outro lado, nada tem de óbvio e compreensível à primeira vista. Por isso, a primeira impressão deve ser modificada e corrigida! Importa esclarecer que a Reforma – sobretudo a luterana – não é uma briga ultrapassada de teólogos de séculos passados, mas um movimento poimênico com motivações sérias, preocupado com o

56 As atenções se voltam, cada vez mais, ao pensamento trinitário do reformador; cf. MARKSCHIES, Chr. Luther und die altkirchliche Trinitätstheologie. In: MARKSCHIES, Chr.; TROWITSCH, M. (Ed.). **Luther – Zweiter zwischen den Zeiten**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1999. p. 37-85, bem como MÜLLER, G. Martin Luthers Theologie der Trinität heute. In: SCHÖNEMANN, Fr.; MAASSEN, Th. (Hg.). **Prüft alles, und das Gute behaltet!**: Zum Wechselspiel von Kirchen, Religionen und säkularer Welt. Frankfurt: Verlag Otto Lembeck, 2004. p. 538-556. Edição comemorativa pelo 65º aniversário de H.-M. Barth.

bom êxito do viver e morrer humanos. O que quer que a teologia de Lutero tenha sido, ela também foi uma teologia terapêutica. Dela querem emanar forças curadoras, mesmo quando ela, à primeira vista, parece ferir ao fazer uma diagnose realista. Ela pergunta pelos danos causados e como podem ser eliminados. A teologia veteroprotestante do século XVII orientava-se, em seu chamado método analítico, na determinação do diagnóstico médico para o tratamento de uma doença.⁵⁷ Nisso, ela se assemelha, de certa forma, à abordagem budista, que também inicia com a constatação da condição humana, para, então, determinar a sua causa, esclarecer as condições para a sua superação e, por fim, propor concretamente o caminho a ser trilhado.⁵⁸ Com as suas respostas, geralmente – mas nem sempre – bastante estranhas, baseadas na análise da existência real, a teologia de Lutero presta um serviço à competência existencial das pessoas por conhecer e incansavelmente apontar para a transcendência da existência.

5.1 - A análise da existência (do ser)

A teologia de Lutero se articula numa outra língua e, por causa da socialização do reformador e das condições históricas de seu tempo, faz uma abordagem diferente. Se quisermos reconstruir essa teologia, convém iniciar pela simples constatação: a pessoa “está aí”! E essa pessoa pergunta “como” ela está aí, que possibilidades ela tem nesse seu “existir” e o que significa o fato de ela não “estar aí” para sempre. Isso leva a três questões principais, que Lutero responde a partir de sua perspectiva, a saber: Como está a liberdade da pessoa? Como a pessoa pode e deve lidar com a sua culpa? Qual é o alcance da razão humana?

Lutero deu à **razão** humana um valor bem maior do que se reconhece entre a maioria dos protestantes. Este estereótipo negativo deve desaparecer! O reformador designa a razão de “o principal de tudo [...] e o melhor desta vida, sobre todas as outras coisas, e algo divino”⁵⁹. O ser humano natural deve utilizá-la segundo o seu saber e a sua consciência; ela é eficaz na ciência, economia, cultura e, em especial, na convivência social. Lutero

57 Cf. KRAUSE, G.; MÜLLER, G. (Hrsg.). **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin: Walter de Gruyter, 1977-. v. 25, p. 479.

58 Dessa forma, por exemplo, segundo WALDENFELS, H. (Ed.). **Lexikon der Religionen**. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, 1987. p. 79: “a) a verdade do sofrimento, b) a verdade da origem do sofrimento, c) a verdade da superação do sofrimento e d) a verdade do caminho que leva à superação”.

59 Citação de acordo com HÄRLE, W. W. et al. (Ed.). **Martin Luther**: Lateinisch-deutsche Studienausgabe. Tradução de W. Härle. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2006. v. 1, p. 665.

ilustra o fato com a convivência exemplar dos turcos (!). Hoje não é mais necessário convencer as pessoas de que a razão é eficaz, embora se esteja cada vez mais consciente da ambivalência e, assim, também da acessibilidade limitada da razão. O que se pode alcançar com a razão, em todo caso, ainda não garante a felicidade e muito menos a salvação. Também as religiões não-cristãs sabem disso. Somente nesse contexto se torna compreensível e ganha sentido a comparação que Lutero faz, quando equipara a razão a uma prostituta: ela é atraente, mas faz falsas promessas.

Algo semelhante ocorre com o discurso de Lutero sobre o cativo da vontade. É claro que o ser humano tem, na ótica do reformador, incríveis possibilidades de utilizar e empregar sua **liberdade**. Isso ele deve fazer de acordo com a sua consciência! A nobre dádiva da racionalidade as pessoas devem empregar de forma responsável e ponderada nas decisões. Mas até a discussão secular em torno da liberdade humana trouxe à tona que a liberdade sempre se tem somente sob certas condições e dentro de determinados espaços de decisão. Liberdade “absoluta” não existe. O hinduísmo e o budismo percebem isso com uma nitidez maior que o judaísmo, o islã e diversos grupos dentro do próprio cristianismo. Também a moderna pesquisa cerebral contribui para relativizar o poder da vontade.⁶⁰ Da graça – se é que ela existe – depende mais do que as pessoas imaginam.

Ainda que a pessoa não pressuponha que, nas fases difíceis da vida, encontre inesperadamente a graça indisponível, ela sabe que sua relação com as outras pessoas, com o meio em que vive e consigo mesma não é perfeita. De uma ou outra forma, o ser humano deve lidar com a **culpa**. Nos países do Ocidente, um exército de psicólogos e psicoterapeutas está ocupado em ensinar como se lida corretamente com a culpa e o sentimento de culpa. As religiões não-cristãs conhecem a lei do mal que gera o mal e o fardo que representa o carma, quando não minimizam, como o islã, a consciência de pecado; contudo, elas não conseguem fornecer nenhuma certeza de perdão e de salvação. A análise da existência feita por Lutero é plausível. Como esse novo perfil da mensagem luterana de perdão e justificação seria incapaz de oferecer acesso à globalidade?

Mas isso significa simultaneamente que afirmações unilaterais de Lutero sobre razão, o servo arbítrio e a pecaminosidade do ser humano não

60 Cf., por exemplo, SINGER, Wolf. **Ein neues Menschenbild?:** Gespräche über Hirnforschung (stw 1596). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003. Em especial, p. 24-34.

devem ser colocadas em primeiro plano, mas acomodadas e eventualmente corrigidas.

5.2 - Transcendência do ser

Aparentemente cada pessoa experimenta coisas que lhe são inexplicáveis e que rompem o seu horizonte. Sobretudo religiões orientais experimentam, por vezes, o indisponível em conexão com rigorosa ascese e meditação. Cada um também tem que se defrontar, de um modo ou outro, com a morte que nos aguarda. Dessa forma, pode acontecer o que Paul Tillich chama de “choque ontológico”⁶¹. Atualmente, este choque talvez ocorra antes no contexto da teodicéia. Por que eu estou vivo, enquanto meu irmão de três dias teve que morrer? É difícil dizer se, nestas experiências, se trata de um encontro com o transcendente ou somente da percepção dos últimos limites da redoma fechada da imanência. Em todo caso, estas experiências acontecem. Não se pode excluir que, aqui, não se trate de um mero “transcender”, mas de um “ser transcendido” por uma dimensão do além. Lutero interpreta esta experiência como experiência da lei divina; de acordo com Lutero, a transcendência do ser deveria ser entendida como um genitivo objetivo (o “ser” é objeto direto da ação de transcender): o transcender ilusório do ser humano é, por sua vez, transcendido pela interpelação de Deus. As religiões falam de “irrupções do transcendente”⁶². Para o próprio Lutero, com Jesus Cristo aconteceu a irrupção decisiva do transcendente. Neste caso, ele recorre à Escritura Sagrada e à sua própria experiência: Jesus é a luz “do mundo” (Jo 8.12). Ele ilumina “todas as pessoas [...] que vêm a este mundo” (Jo 1.9). Dessa forma, o mundo, a humanidade e a história adquirem verdadeira relevância para aquelas pessoas que são alcançadas por esta luz. A pessoa de Jesus é interpretada por Lutero a partir da cruz. A “teologia da cruz” leva a uma inversão das leis naturais da vida, assim como foram observadas por Darwin e outros. Se todas as religiões servem para diminuir a pressão da seleção, deve-se conceder essa função de maneira especial à religião cristã.⁶³ Apesar disso, devemos perguntar se a teologia da cruz ainda pode ser formulada nas categorias de Anselmo.⁶⁴ Para o reformador, a

61 TILLICH, P. **Systematische Theologie**. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1964. v. 1, p. 137.

62 Adoto essa expressão da terminologia de LAUSTER, Jörg. **Religion als Lebensdeutung**: Theologische Hermeneutik heute. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005.

63 Cf. THEISSEN, G. **Zur Bibel motivieren**: Aufgaben, Inhalte und Methoden einer offenen Bibeldidaktik. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2003. p. 249-252.

64 Cf., por exemplo, JÖRNS, Kl.-P. **Notwendige Abschiede**: Auf dem Weg zu einem glaubwürdigen Christentum. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2004. p. 286-334.

transcendência do ser se mostra, em especial, no encontro com a palavra, palavra esta que o atingiu a partir de uma outra dimensão, defrontando-o com sua exigência divina e animando-o com o seu consolo. Em nenhuma religião a palavra tem uma função tão central quanto no cristianismo marcado pela Reforma. Mas em nenhuma grande religião a palavra está totalmente ausente. Hoje se coloca a questão: qual é a relação existente entre intermediação verbal e não-verbal? Dessa forma, também se coloca novamente a questão do significado dos sacramentos. A humanidade conhece muitos relatos sobre irrupções da transcendência e experiências do transcendente. O Evangelho de Lutero se encontra no mercado aberto. Mas neste mercado, o Evangelho deveria representar algo que vale a pena ser testado e “provado”. Para tanto, ele deve ser colocado em relação com outras ofertas. Numa loja, a gente não dá atenção a um aparelho que não sabemos para que serve. Com isso, não pretendo pleitear por uma mera redução funcional da teologia da Reforma, mas, antes, defender o pleito de que ela deve ser articulada no horizonte do pensamento moderno – isso quer dizer: não como um discurso inflado e, portanto, repulsivo sobre revelação nem como um enunciado restrito a uma compreensão teísta de Deus.

5.3 - Competência para viver

Sob a exigência e o consolo da interpelação divina, o ser humano adquire, de acordo com Lutero, identidade e perspectiva. Agora ele sabe quem é: uma pessoa com suas contradições, mas que pode viver tranquilamente com suas contradições e também viver voltada para o mundo. Essa pessoa não precisa fazer nada de si mesma, mas pode e deve fazer uso de seus dons e, assim, realizar-se.⁶⁵ Ela lida de forma competente com a sua existência. Ela vê sentido em sua vida e em suas ações. Ainda que ela não reconheça nenhum sentido por causa do sofrimento e da frustração, ela sabe quem atribuiu sentido à sua vida e às suas ações. Ela não teme assumir responsabilidades, correndo, assim, o risco de entrar numa fria. Reconhecidamente, o reformador dá um passo além: “Pecca com vontade, mas, com mais vontade ainda, confia e te alegra em Cristo, que venceu o pecado, a morte e o mundo”.⁶⁶

65 Isso tentei explicar na fase quente do debate em torno da “auto-realização”, em BARTH, H.-M. **Wie ein Segel sich entfalten**: Selbstverwirklichung und christliche Existenz. München: Chr. Kaiser, 1979.

66 WA. BR 2, 372, linhas 82-93. Essa passagem é de especial importância para mim; cf. a respeito BARTH, H.-M. “Pecca fortiter sed fortius fide...”: Martin Luther als Seelsorger. **Evangelische Theologie**, n. 44, p. 12-25, 1984.

Da identidade do cristão faz parte a sua sociabilidade. Ele está aí para outros; ele recorre a outros. Dentro da comunidade, ele vive o sacerdócio geral, comum e recíproco de todos os crentes – uma vida conscientemente democrática. Junto com a comunidade, ele vive – apesar de toda a fragmentariedade – uma existência solidária. Sua competência de ser está quebrada e fragmentada, mas tem futuro. Pode crescer diariamente e, nas perturbações, ela mostra que está sendo carregada. Ela vive da confiança no Deus que a doa.

O resultado antropológico da teologia de Lutero devia poder ser reconhecido também por aqueles que não foram socializados na fé cristã. Uma consciência alegre da própria identidade – apesar de toda a sua fragmentação e imperfeição –, sociabilidade disposta a assumir responsabilidades, além de uma perspectiva de sentido que abarca toda a vida e alcança para além da vida – esta é uma oferta de competência digna de se apresentar.

Em resumo: se a sua importância global quer tornar-se visível, a teologia de Lutero deve apresentar-se de outra forma que a costumeira. Deve haver uma nova disputa por Lutero e por seu legado.⁶⁷ A disputa de braço em torno de sua teologia é insuficiente. Lutero deve ter cidadania não apenas entre os historiadores, mas também, de novo, na teologia sistemática. Quando a teologia sistemática pergunta pelos elementos do pensamento de Lutero que poderiam ser de proveito para a “emergente sociedade universal”⁶⁸, ela deve pretender ir, com a ajuda de Lutero, para além de Lutero. Não é difícil mostrar a importância de Francisco de Assis para toda a humanidade. Ele é considerado o representante do amor a Deus, às pessoas e ao meio ambiente. Ele deixou coisas importantes para o mundo, por isso tem facilidade de conectar-se em toda a parte. Lutero certamente não foi um santo no sentido religioso. Também não deveríamos transformá-lo em herói da liberdade, apesar de pertencer à história da liberdade humana. Mas o conceito liberdade tornou-se obsoleto. O que se faz necessário – em meio às incertezas e à falta de clareza – é reconhecer que existe um abrigo que se funda no transcendente. Lutero foi um homem com suas contradições, porém ele se entregou, cheio de confiança, à graça de Deus. Ele é o representante da fé, da confiança profunda em Deus em meio à escuridão do cami-

67 Cf. BARTH, H.-M.; LEIPOLD, H. (Ed.). *Martin Luther – Der Streit um sein Erbe*. Kassel: Verlag Evangelischer Presseverband Kurhessen-Waldeck, 1984.

68 Termo utilizado em *Theologische Realenzyklopädie*, v. 33, p. 300, para designar o título do verbete “Theologie II/5”.

nho. Que ele é importante para a história mundial deve ser novamente resgatado. Francisco de Assis representa um ideal simpático. Mas Lutero não terá repercussão se for idealizado. Na história da humanidade, a sua tarefa é dar ânimo às pessoas para serem, de forma realista, o que são e, assim, alegrar-se com a graça de Deus.

Muitas pessoas tinham e têm algo importante a dar ao mundo. Deve tornar-se evidente que Lutero é uma dessas pessoas. A memória histórica não é o bastante. Não é suficiente que sua imagem esteja estampada na capa de exposições populares da história, quem sabe ao lado da foto do Papa Bento XVI. Trata-se de nada menos que seu papel na incipiente sociedade mundial.

Peter Sloterdijk chama a atenção para o fato de que o mundo globalizado representa somente uma parte da sociedade mundial. Ele entende que quem fala de “globalização” está pensando no “espaço mundial interno do capitalismo” e, dessa forma, de “um continente artificial, dinamizado e estimulado pelo conforto, que se encontra num oceano de pobreza”⁶⁹ e ao qual dificilmente pertence mais do que um terço da população mundial. Mas, dentro desse espaço interno ou continente aparentemente privilegiado e em processo de fechamento, devem manifestar-se consideráveis fenômenos de frustração, para cuja superação forças religiosas poderiam ser de ajuda. As realizações culturais e religiosas da história da humanidade provavelmente são acessíveis – se é que o são – aos dois terços excluídos da humanidade somente pela intermediação do terço globalizado. Tanto mais importante é, por isso, que não se deite a perder o legado de Lutero em nenhum dos três terços da humanidade. As relações de poder entre os terços também podem inverter-se algum dia. Neste caso, não só Marx e Engels deveriam ser lembrados quando se trata da competência para viver. Talvez pessoas, grupos, denominações e igrejas orientadas na teologia de Lutero possam, assim, dar sua contribuição para que a humanidade não desmorone, mas que tenha – com a boa vontade de Deus – mais competência para viver.

69 SLOTERDIJK, P. *Im Weltraum des Kapitals*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005 (st. 3814). p. 306.

Referências

- BARTH, Hans-Martin. **Dogmatik**: Evangelischer Glaube im Kontext der Weltreligionen. 2. ed. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2002.
- _____. Martin Lutero all'origine della società moderna. **Protestantesimo**, n. 52, p. 21-31, 1997.
- _____. Reformationsfest in Kyoto/Japan. **Luther Jahrbuch** 70, p. 149-174, (2003).
- _____. "Pecca fortiter sed fortius fide...": Martin Luther als Seelsorger. **Evangelische Theologie**, n. 44, p. 12-25, 1984.
- _____. **Wie ein Segel sich entfalten**: Selbstverwirklichung und christliche Existenz. München: Chr. Kaiser, 1979.
- BARTH, H.-M. et al. (Ed.). **Buddhismus und Christentum**: Jodo Shinshu und Evangelische Theologie. Hamburg: EB-Verlag, 2000.
- _____. (Ed.). **Buddhismus und Christentum vor der Herausforderung der Säkularisierung**. Hamburg: EB-Verlag, 2004.
- BARTH, H.-M.; LEIPOLD, H. (Ed.). Martin Luther – Der Streit um sein Erbe. Kassel: Verlag Evangelischer Presseverband Kurhessen-Waldeck, 1984.
- BAYER, O. **Martin Luthers Theologie**: Eine Vergegenwärtigung. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.
- BECKER, J. (Ed.). **Luthers bleibende Bedeutung**. Husum: Husum Druck- und Verlagsgesellschaft, 1983.
- BEUTEL, A. (Ed.). **Luther Handbuch**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005.
- BEUTEL, A. **Martin Luther**: Eine Einführung in Leben, Werk und Wirkung. 2. ed. Leipzig: Evang. Verlagsanstalt, 2006.
- BOBZIN, H. **Der Koran im Zeitalter der Reformation**: Studien zur Frühgeschichte der Arabistik und Islamkunde in Europa. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1995.
- EBELING, G. **Luthers Seelsorge – an seinen Briefen dargestellt**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1997.
- GRESHAKE, G. **Der dreieine Gott, eine trinitarische Theologie**. 2. ed. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, 1997.
- HARNACK, A. von. **Das Wesen des Christentums**. Editado e comentado por Tr. Rendtorff. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 1999.
- HÄRLE, W. W. et al. (Ed.). **Martin Luther**: Lateinisch-deutsche Studienausgabe. Tradução de W. Härle. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2006.
- HAUSTEIN, J. **Martin Luthers Stellung zum Zauber- und Hexenwesen**. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1990.
- HEILER, Fr. **Erscheinungsformen und Wesen der Religion**. 2. ed. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1979.

HEIMPEL, H. **Der Mensch in seiner Gegenwart**: Acht historische Essais. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1957.

HUBER, Friedrich. **Die Bhagavadgita in der neueren indischen Auslegung und in der Begegnung mit dem christlichen Glauben**. Erlangen: Verlag der Ev.-Luth. Mission Erlangen, 1991.

JÖRNS, Kl.-P. **Notwendige Abschiede**:. Auf dem Weg zu einem glaubwürdigen Christentum. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2004.

KNUTH, H. Chr. **In Zukunft Luther**: Gesammelte Texte des Leitenden Bischofs der VELKD. (Homenagem aos 65 anos do autor.) Editado e introduzido por R. Neubert-Stegemann e Claudia Aue. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2005.

KORSCH, D. Martin Luthers Theologie. **Luther 77**, p. 117s, 2006. Recensão de O. Bayer.

KORSCH, D. **Martin Luther zur Einführung**. Hamburg: Junius, 1997.

KORSCH, D.; RICHTER, C. (Ed.). **Das Wesen des Christentums**. Marburg: N. G. Elwert Verlag, 2002.

KRAUSE, G.; MÜLLER, G. (Hrsg.). **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin: Walter de Gruyter, 1977-. v. 25, p. 479.

LAUSTER, Jörg. **Religion als Lebensdeutung**: Theologische Hermeneutik heute. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005.

LEEuw, G. van den. **Phänomenologie der Religion**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1993.

LEPPIN, V. Luther, Martin. In: AUFFARTH, Chr. et al. (Ed.). **Lexikon Religion**. Stuttgart/Weimar: Verlag J. B. Metzler, 2005. v. 2, p. 356-358.

LEXUTT, Athina (Ed.). **Mit Luther durch das Jahr**: Texte des grossen Reformators für unsere Zeit. Seleção, introdução e comentários de A. Lexutt. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2003.

LO, Pilgrim W. K. Die Bedeutung von Luthers Theologie für das 21. Jahrhundert. **Luther Jahrbuch 71**, p. 61-64, (2004).

LOHSE, B. **Luthers Theologie in ihrer historischen Entwicklung und in ihrem systematischen Zusammenhang**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.

MANNs, P. **Martin Luther**. Basel: Herder Verlag, 1982.

MANNs, P. (Ed.). **Ökumenische Erschliessung Martin Luthers**: Referate und Ergebnisse einer internationalen Theologenkonsultation. Paderborn: Verlag Bonifatius-Druckerei, 1983.

MARKSCHIES, Chr.; TROWITSCH, M. (Ed.). **Luther – Zweiter zwischen den Zeiten**. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1999.

MARON, G. **Zum Gespräch mit Rom**: Beiträge aus evangelischer Sicht. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988.

- MEDICK, H.; SCHMIDT, P. (Ed.). **Luther zwischen den Kulturen**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.
- MOELLER, B. **Alte und Neue Welt in wechselseitiger Sicht**: Studien zu den transatlantischen Beziehungen im 19. und 20. Jahrhundert. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.
- MOELLER, B. (Ed.). **Luther in der Neuzeit**: Wissenschaftliches Symposion des Vereins für Reformationsgeschichte. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 1983.
- MÜLLER, G.; SEEBASS, G. (Ed.). **Die ganze Christenheit auf Erden**: Martin Luther und seine ökumenische Bedeutung. (Homenagem aos 65 anos do autor.) Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993. p. 43-57.
- NOWAK, K. (Ed.). **Adolf von Harnack als Zeitgenosse**: Teil I: Der Theologe und Historiker. Berlin/New York: de Gruyter, 1996.
- OBERMAN, H. A. (Ed.). **Luther and the Dawn of the Modern Aera**: Papers for the Fourth International Congress of Luther Research. Leiden: Brill, 1974.
- PANNENBERG, W. Auf der Suche nach dem wahren Selbst: Anthropologie als Ort der Begegnung zwischen christlichem und buddhistischem Denken. In: BSTEH, A. (Ed.). **Erlösung in Christentum und Buddhismus**. Mödling: Verlag St. Gabriel, 1982.
- PESCH, O. H. **Hinführung zu Luther**. Mainz: Matthias Grünewald Verlag, 1982.
- RITTER, G. **Die Weltwirkung der Reformation**. 2. ed. München: Oldenbourg, 1959.
- SCHMIDT-LEUKEL, P. **Gott ohne Grenzen**: Eine christliche und pluralistische Theologie der Religionen. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2005.
- SCHÖNEMANN, Fr.; MAASSEN, Th. (Hg.). **Prüft alles, und das Gute behaltet!**: Zum Wechselspiel von Kirchen, Religionen und säkularer Welt. Frankfurt: Verlag Otto Lembeck, 2004.
- SCHOEPS, H.-J. **Religionen**: Wesen und Geschichte. Gütersloh: C. Bertelsmann Verlag, [s.d.].
- SIEMAN-NETTO, U. **Luther als Wegbereiter Hitlers?**: Zur Geschichte eines Vorurteils. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 1993.
- SINGER, Wolf. **Ein neues Menschenbild?**: Gespräche über Hirnforschung (stw 1596). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.
- SLOTERDIJK, P. **Im Weltraum des Kapitals**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005.
- SMART, N. **Weltgeschichte des Denkens**: Die geistigen Traditionen der Menschheit. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002.
- TAKIZAWA, K. **Das Heil im Heute**: Texte einer japanischen Theologie. Editado por Th. Sundermeier. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.

THEISSEN, G. **Zur Bibel motivieren**: Aufgaben, Inhalte und Methoden einer offenen Bibeldidaktik. Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2003.

TILLICH, P. **Systematische Theologie**. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1964.

TROELTSCH, E. **Kritische Gesamtausgabe**. Berlin: de Gruyter, 2001. v. 4.

WALDENFELS, H. (Ed.). **Lexikon der Religionen**. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, 1987.

WATSON, Ph. S. **Um Gottes Gottheit**: Let God be God: Eine Einführung in Luthers Theologie. Tradução e elaboração de G. Gloege. Berlin: Lutherisches Verlagshaus, 1952.

WELKER, M.; VOLF, M. (Ed.). **Der lebendige Gott als Trinität**. Gütersloh: Chr.Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 2006.